

Interfaces da Leitura em Hipermídia: Poesia e Escrita Criativa na Cibercultura

Profa. Dra. Débora Cristina Santos e Silva (UEG)¹

Resumo:

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o lugar da leitura e da educação estética no ensino de literatura, focalizando os espaços da escrita em hipermídia, tendo em vista as diferentes experiências de textualidade oferecidas por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Cibercultura. Discute os recursos estético-formais do ciberespaço, que viabilizam a criação de uma ciberpoesia, pela qual o computador, utilizado não somente como ferramenta e/ou suporte de escrita, mas enquanto máquina semiótica, amplia infinitamente as possibilidades de criação e recepção da obra literária (BARBOSA, 1998). Objetiva discernir as interfaces do poético no ciberespaço, destacando a relevância da fruição estética nos vários contextos sociais e veículos midiáticos. Busca demonstrar as vivências possíveis de leitura e apreciação estética que estas oferecem ao utente/leitor para o exercício da criatividade e da autonomia, sendo este um fator diferencial para a interação do sujeito na circulação do conhecimento, dentro da sociedade contemporânea. A metodologia envolve avaliação qualitativa das experiências de leitura dos estudantes da escola básica, sobre as práticas de letramento, da fruição poética e da leitura em rede. O estudo nasceu de uma experiência de pesquisa interdisciplinar viabilizada pelo projeto *Ensino, Processos Interacionais e Múltiplas Linguagens na Cibercultura* (MIELT/PrP/UEG).

Palavras-chave: cibercultura, hipermídia, ciberpoesia, escrita criativa.

1 Introdução

A iniciativa de compreender o uso das múltiplas linguagens em processos comunicativos no contexto da sociedade em rede, tendo em vista a emergência das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) que configuram a cibercultura contemporânea, tem motivado muitas frentes de pesquisa no âmbito acadêmico. Nesse intuito, desenvolvemos nossa pesquisa de pós-doutoramento no Centro de Estudos do Texto Informático (CETIC) da Universidade Fernando Pessoa, em Porto-Portugal, o que nos possibilitou novas experiências, concretizadas também em outros países, a exemplo da Espanha, o que serviu para nos apontar caminhos de revisitação de conceitos, de compreensão da realidade, de uso de estratégias metodológicas para o desenvolvimento da leitura e da escrita em meio digital. Serviu ainda para a divulgação da criação literária lusófona contemporânea em seus mais diferentes aspectos (literários, ideológicos, temáticos), tendo em vista um fazer que conjugue múltiplas linguagens e formas de interação e intervenção do leitor no texto e no mundo. Os resultados dessa pesquisa estão disponíveis na plataforma do projeto PO-EX 70/80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa (FCT/PTDC/CLE-LLI/098270/2008), fomentado pela FCT e União Europeia (Cf. www.po-ex.net).

Efetivamente, a realidade atual exige pessoas capazes de intervir e atuar em espaços letrados cada vez mais dinâmicos e desterritorizados¹. Tais espaços alcançam dimensões inimagináveis e ilustram outras formas de interação social, de convívio com o outro, de determinação de papéis

¹ Desterritorizada é empregada por Lévy (2011) para caracterizar o texto na era virtual. O sentido que o texto assume por essa palavra seria uma produção sem fronteira nítida, em fluxo contínuo, vetorizado, metamórfico. Neste trabalho, o sentido da palavra permanece, mas não se limita apenas à concepção de texto, senão também às práticas de leitura e aos eventos de letramento fomentados pelas relações sociais interativas da cibercultura.

sociais, de possibilidade de acesso e aquisição do saber, de superação de tempo e espaço. Situação que exige um revisitar e um conhecer de práticas que contemplem experiências múltiplas de linguagem, as quais norteiam o universo da cibercultura. A experiência estética e o ensino da língua ganham, com isso, novos formatos e diferentes alcances. Desse modo, a compreensão de uma realidade mediada por uma linguagem que, a cada momento, se moderniza e, sobretudo, se pluraliza, tendo como amparo as TDIC, acarreta um pensar sobre possibilidades de práticas pedagógicas na cibercultura, uma vez que a escola não se encontra desconectada de seu tempo. O advento das tecnologias digitais tem provocado mudanças nas relações sociais, o que precisa ser melhor entendido, já que tais mudanças implicam significativas alterações na produção e recepção de qualquer texto, e especialmente da literatura. E essa é a razão porque escolhemos a ciberpoesia como corpus de nossas pesquisas e o *webblog* como espaço de exercício da escrita criativa para a educação estética e a formação do leitor. Nesse contexto, focalizamos as produções de dois webpoetas portugueses, Antero de Alda (<http://anterodealda.com>) – que constrói sua obra, na tessitura do ciberespaço, por meio de criações híbridas e multissemióticas, explorando a interação de linguagem e a convergência de mídias – e Rui Torres, cujo blog de elaboração de poemas digitais por meio de motores textuais, o *Poemário* (<http://telepoesis.net/poemario>) instiga o utente/leitor a uma construção colaborativa autor-máquina-leitor, numa experiência verdadeiramente simbiótica de criação. Ao final, apresentamos um breve relato das experiências do GP ARGUS (Grupo de Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento), por nós coordenado, em oficinas de leitura e escrita criativa, por meio dos blogs *Poemário*, de Rui Torres, e *Pensando Ciberliteratura*: *Navegando*, *Pensando*, *Escrevendo...*, (<http://pensandociberliteratura.blogspot.com.br>), *com alunos e professores da Escola Básica.*

2 Criações hipermédia: do poema visual ao digital

A trajetória da literatura digital foi traçada gradativamente ao longo do tempo, desde que os primeiros *Personal Computers* apareceram, na década de 1980, inaugurando a chamada “revolução tecnológica” e favorecendo o nascimento da cibercultura. Esse termo, já bastante popularizado hoje, aglutina o prefixo grego “ciber” (piloto) ao termo cultura, sugerindo exatamente o sentido de movimento, de navegação, de trânsito, o que ressalta o intenso dinamismo dessa sociedade da informação. (BARBOSA, 2009).

Nesse contexto epistemológico, é preciso considerar, ainda, as mudanças significativas das interações sociais que emergiram com o advento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) pela proliferação de sítios de compartilhamento, de redes sociais e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) no ciberespaço, gerando um estilo de vida “instantâneo”, fomentado pelos mecanismos de interação social, atuação colaborativa, massificação do sujeito e a conseqüente fragmentação do humano. Vivencia-se a linguagem e o ato comunicativo em rede. Isso acabou por subverter as fronteiras existentes entre emissor e receptor, o que, conseqüentemente, afeta as produções poéticas atuais. A esse respeito, assinala Mourão (2009, p. 14) que “o sistema literário, enquanto social, comunica-se com outros sistemas, sendo desde logo afectado (sic), quer nas suas modalidades enunciativas, quer nas suas funções transversais.” É justamente no domínio dessas produções que abrem o espaço de diálogo intermídia – a videopoesia, a holo e a biopoesia, a hiperficção e a LGC – que nos encontramos com poetas lusobrasileiros contemporâneos, a exemplo de E. M. de Melo e Castro e Pedro Barbosa, Eduardo Kac e Arnaldo Antunes, integrantes de uma geração que renova o fazer poético, sem medo de aventurar-se ao novo, e sem perder o respeito à tradição e a tudo de valioso que ela nos legou.

No Brasil, de acordo com o crítico Jorge Luis Antônio (2007), a data de novembro de 1960 marca a publicação do “Poema Elétrico”, de Albertus Marques (1930-2005), como o início da experiência poética em meios eletrônicos, sendo a obra “Le Tombeau de Mallarmé”, de Erthos

Albino de Souza (1932-2000), uma coletânea de dez poemas, considerada a primeira poesia brasileira em mídia eletrônica.

Em Portugal, não seria diferente: os primeiros “ismos” de vanguarda trouxeram a inquietação e a ebulição de novas tendências, evidentes no simultaneísmo/futurismo de Almada Negreiros, no sensacionismo/interseccionismo de Fernando Pessoa, entre tantos outros. Mas o processo de renovação estética só irá se consolidar bem mais tarde, com o surgimento de uma vanguarda tardia, entre as décadas de 1950-60, pelo experimentalismo poético de Ana Hatherly, Herberto Helder e E.M. de Melo e Castro, que lançariam as bases da poesia contemporânea. Esse movimento ficou conhecido como Poesia Experimental Portuguesa e ainda produz lírica de excelente qualidade estética até hoje, uma vez que boa parte de seus autores ainda vivem e continuam produzindo, a exemplo de Melo e Castro e Ana Hatherly, nas modalidades da vídeopoesia, da infopoesia, da clip-poesia, do poema-objeto, entre outras formas de interartes.

Todas essas transformações que se deram na experiência de criação-recepção do texto literário, lançaram também novos desafios a uma cultura do livro, que se mescla, a partir de então, a gêneros não literários e mídias audiovisuais. Desde então, o cenário constituído estabelecerá relações novas entre a cibercultura e a poesia luso-brasileira contemporânea, a exemplo das complexas e ricas experiências da poesia surrealista, da concreta, do cubofuturismo, da poesia experimental portuguesa e, mais recentemente, da ciberliteratura.

No contexto da emergência e ascensão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que, segundo Barbosa (1998), designam um procedimento pelo qual o computador [e qualquer tecnologia móvel] pode ser utilizada, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação [ou mídia de relacionamento social, que é seu uso mais comum entre as comunidades virtuais da cibercultura]. Tal uso criativo do computador, extensível de forma geral à Arte Assistida por Computador e à Ciberarte (composição musical, criação de imagens sintéticas, cinema animado por computador, games, animes, etc.), varia consoante as potencialidades gerativas do algoritmo introduzido nos programas. Tais programas assentam normalmente num algoritmo de base combinatória, aleatória, estrutural, interativa ou mista (combinando uma ou várias destas modalidades). Além disso, a introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção nas funções tradicionais do autor e do leitor, mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final. Nesse contexto de produção, uma grande variedade de formas de textualidade, integradas à multimídia, podem se concretizar por meio de complexos processos de transposição semiótica enriquecedores e abrangentes, tornando a experiência de fruição estética muito mais eficiente. Essas criações reafirmam a tendência sempre crescente de aproximar a palavra escrita da pintura, do desenho, da gravura, dos códigos verbivocovisuais, como bem assinalaram os poetas concretistas brasileiros. As experiências da caligrafia, do poema/ideograma e da holopoesia confirmam essa tendência na literatura moderna.

Esse processo, com efeito, não sofreu solução de continuidade com o advento das neovanguardas, cuja florescência se deu entre as décadas de 50 e 60, mas se estendeu até os anos 80, marcadamente pelo movimento internacional da poesia concreta (que teve no Brasil grande expressividade, com produções líricas de alta qualidade estética, além de um trabalho primoroso de crítica, levado a efeito pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, e Décio Pignatari), bem como da poesia experimental portuguesa. É preciso reafirmar a relevância do trabalho criterioso de criação, pesquisa estética e investigação teórica de poetas, artistas e webdesigners como E.M. de Melo e Castro, Pedro Barbosa, Salette Tavares, Ana Hatherly, Herberto Helder, Silvestre Pestana, Fernando Aguiar e Antero de Alda, só para citar alguns.

Ainda nesse enfoque, assinala Antônio Risério (1998, p. 85), em seu interessante trabalho de reconstituição histórica desse processo, que “o concretismo, buscando uma dimensão

verbivocovisual, combateu o discurso lógico-linear e trouxe para o centro de sua reflexão a ideografia chinesa [...] substituindo a lógica sintática (aristotélica, silogística) pela ideogrâmica.”. Com efeito, a arte chinesa, nos séculos VII, IX, X e XI, era calcada na ideia das “três perfeições”, que reunia a caligrafia, a pintura e a poesia. O próprio ideograma chinês é uma das mais antigas formas de representação e comprova que a busca pela expressão teve seu ponto alto na preocupação com a forma imagética.

Entretanto, essa postura, que não é apenas formal ou retórica, mas, sobretudo, epistemológica, se fará sentir ainda mais acentuadamente nas criações hipermídia posteriores, quando as condições de produção e recepção da mensagem no novo sistema comunicacional da cibercultura mudará radicalmente. No dizer remissivo de McLuhan (2008, p. 21): “o meio é a mensagem”, é preciso reconhecer que desde esse início ainda incipiente das poéticas digitais, o livro já não era o meio adequado para dar conta de todas as exigências estético-semióticas do que se criava naquele momento – o poeta passa a apresentar-se como o designer da linguagem, como sugerem os *Poemóbiles* (de Augusto de Campos e Júlio Plaza), a *Caixa Preta* (de Augusto de Campos e Júlio Plaza) e a videopoesia de *Nome* (de Arnaldo Antunes).

Nesse percurso, é imprescindível recorrer a certo acervo crítico, a fim de construir o suporte teórico necessário à fundamentação de nossas reflexões sobre a literatura eletrônica e o contexto da cibercultura. Desse acervo, destacam-se os nomes de Marshal McLuhan, Walter Benjamin, Abraham Moles, Lev Manovich, Claus Clüver, Phillip Bootz, Aarseth, Glazier, Viullemmin, além dos pesquisadores portugueses, que apresentam igualmente uma bibliografia relevante sobre o assunto, a exemplo de Ana Hatherly, Melo e Castro, Pedro Barbosa, Pedro Reis, Rui Torres e José Augusto Mourão.

Diante dessas considerações, esse estudo no âmbito da convergência de mídias e do experimentalismo interartes se justifica por sua necessidade quanto à investigação da poesia como objeto científico e elemento fundamental da formação do ser humano, uma vez que abre espaços de sua utilização no ensino formal, explorando-se os aspectos estéticos que valorizam o poema como tal, e não como simples pretexto para o ensino de outros saberes, como por exemplo, a língua materna.

3 Ciberliteratura e práticas de leitura: entre o texto e a tela

O advento da cibernética e, especialmente com a popularização do Computador Pessoal e da Internet, durante a segunda metade do século XX, expandiu as possibilidades de produção cultural e, de maneira mais específica, da literatura. As modalidades de texto literário se multiplicaram e se modificaram no ambiente virtual, originando o cibertexto (termo que, por vezes utilizado como sinônimo de hipertexto, não se restringe a ele). O delineamento entre textos e elementos que compõem o processo elocucional deixou de ser percebido como demarcações claras, uma vez que os textos digitais ganharam traços de liquidez, sendo muito voláteis. Mas, até que ponto a literatura eletrônica se encontra em interação com a mídia computacional e quais os efeitos dessa interação? É o questionamento feito por Katherine Hayles. Nesse âmbito, assinala Hayles (2009, p. 61) que “a natureza computacional da literatura do século XXI é mais evidente, porém, na literatura eletrônica. Mais do que ser marcada pela digitalidade, a literatura eletrônica é, de modo ativo, formada pela mesma”.

Com efeito, percebe-se que surge na ciberliteratura uma espécie de simbiose entre o autor e o computador, uma vez que este último participa do processo criativo como um instrumento manipulador dos signos verbais e elemento ativo da produção artística. O material fornecido pelo autor para que se inicie a criação da obra é alterado pelo computador (que o processa em linguagem binária), dando-se como resultado algo diferente do que fora apresentado inicialmente. Assim, o texto informático que aparece aos olhos do leitor não é, essencialmente, o que está configurado na linguagem da máquina, mas o que se realiza no momento mesmo de sua execução, no momento de

sua leitura. É assim que, na visão de Barbosa (2001), o computador é uma máquina semiótica, uma vez que ultrapassa os limites do simples armazenamento de informações (função que não lhe foi descartada) e, por isso, participa ativamente da ação criativa do texto.

Nesta perspectiva da criação hipermídia, Rui Torres (2010, p.118) esclarece que “a ciberliteratura designa aqueles textos literários cuja construção se assenta exclusivamente em procedimentos informáticos: combinatórios, multimidiáticos ou interactivos”, o que corrobora a posição de Barbosa. Oferece-nos, ainda, Torres uma útil exemplificação de como essa produção textual pode ocorrer:

Para melhor exemplificar o modo como os computadores modificam e ampliam tanto a leitura quanto a escrita, proponho aqui falar de três posturas possíveis na aproximação da criatividade literária ao meio digital. São elas, em primeiro lugar, o hipertexto e a hiperficção; em segundo lugar, o texto animado, interactivo e multimédia; e, finalmente, o texto gerado por computador. (TORRES, 2004, p. 323)

A esse propósito, assinala, ainda, Mourão (2009, p. 14) que “o sistema literário, enquanto social, comunica-se com outros sistemas, sendo desde logo afectado (sic), quer nas suas modalidades enunciativas, quer nas suas funções transversais.” Daí decorre a necessidade de interpretar a literatura digital no contexto das interações sociais e das demandas de leitura que estas acarretam. É exatamente ao avaliar esse estado de coisas que se impõe a necessidade de se (re) definir os parâmetros da leitura literária em meio digital, tendo em vista as condições de produção e recepção do texto eletrônico.

De fato, as possibilidades que o texto digital oferece parecem infinitas no contexto de “convergência de mídias” (PELLANDA, 2003) e múltiplos percursos de leitura presentes e intensificados nos “espaços de escrita” das redes sociais, de compartilhamento, e nas plataformas virtuais, na cibercultura. Ademais, o poder de recriar e operacionalizar simultâneas conexões sem ordem preestabelecida gera a emancipação do leitor, que trilha os próprios caminhos e sente-se mais instigado a aprender e interpretar os contextos, uma vez que pode utilizar não só a página impressa ou o ecrã eletrônico, mas diversas outras mídias que viabilizam e enriquecem o processo de leitura.

Conforme defende também Mourão (2009, p. 15-16, /grifos do autor/), embora o processo de ler seja linear e sua trajetória irreversível, “a prática hipertextual interrompe essa irreversibilidade mediante um procedimento tecnológico em forma de nós hipertextuais que possibilitam trajetórias (sic) ‘multilineares’ de significado [...] A dimensão geométrica do hipertexto permite ao ‘wreader’ assumir o controlo (sic) do processo da leitura e da escrita”. De fato, a textualidade eletrônica instaura um processo de reversibilidade que dinamiza e enriquece ao infinito o ato próprio de leitura. Esse tipo de inscrição coloca de novo, numa nova luz, uma questão que tem perseguido a teorização da literatura: O que é um texto? Na verdade, questões que eram, no domínio do livro, pertinentes, a exemplo de: “Como um texto produz sentido? Quem é o autor? Onde está localizado? Como é produzido, lido e interpretado?” deixam de fazer sentido ou, pelo menos, implicam outros sentidos, ainda pouco explorados no âmbito da teoria literária, no terreno da ciberliteratura. Por essa razão, Chartier (1998), ao discorrer sobre o texto eletrônico, afirma que é preciso compreender como ocorre a construção de sentido frente a limitações e transgressões. A partir disso será “talvez menos inquietante pesar as oportunidades e os riscos da revolução eletrônica” (CHARTIER, 1998, p. 19).

Nesse contexto que se configura no nível de produção literária digital, a Ciberliteratura ou Literatura Gerada por Computador (LGC) propõe-se a utilizar as potencialidades do computador como máquina criativa para o desenvolvimento de estruturas textuais, em estado virtual, atualizando-as até ao infinito. Ela é, certamente, a interface da literatura mais diretamente ligada aos sonhos da Cibernética e da Inteligência Artificial. No processo criativo da LGC, o computador funciona como “máquina aberta”, uma máquina em que a informação de entrada (*input*) é diferente

da informação de saída (*output*) (BARBOSA, 1998 online). Nesse processo, o computador passa de instrumento de criação literária a instrumento de leitura, uma vez que a interposição da máquina como manipulador de sinais traduz-se numa nova e necessária atitude do autor e do leitor, em estado (co)laborativo, “o que pode mesmo exigir um termo novo para designar a figura cooperativa do ‘escritor’(wreader/laucter)” (BARBOSA, 2006, p. 37, /grifos do autor/). Nesse ponto da discussão, faz-se necessário esclarecer que:

Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente. Tal uso criativo do computador é extensível, de forma geral, à Arte Assistida por Computador e à Ciberarte (composição musical, criação de imagens sintéticas, cinema animado por computador etc). (BARBOSA, 1998, on-line)

Nesse contexto de produção literária, a fluidez dos dados e dos relacionamentos – comunicação e deslocamento – na rede e fora dela permite que surjam construtos sociais elaborados a partir de referências múltiplas. Elementos culturais e fatos históricos podem ser ressignificados em novos contextos, sendo incorporados. Diante disso, é vital considerar a construção de pertencimentos calcados em identidades culturais como de grande importância para a compreensão dos fenômenos culturais no final do século XX e início do XXI. Ocorre uma hibridização de valores, ideais, crenças, entre outros.

Além do emprego dos recursos da informática, a ciberliteratura é uma produção não linear que pode ser identificada por partilhar das características inerentes à Internet: multimodalidade, temporalidade fragmentária, estrutura em rede, instantaneidade e interatividade com o destinatário (HAYLES, 2009). A escrita no ambiente virtual, em suas diferentes etapas de produção e recepção, apresenta-se líquida, podendo ser descartada e substituída, apropriada e desapropriada, em alta velocidade, mas também em alta voltagem estética. Esse processo de retroalimentação reflexiva, por meio do qual a literatura eletrônica registra os efeitos da mídia e, ao mesmo tempo, a interroga, é fundamental para o potencial que a literatura eletrônica tem de transformar as práticas literárias. (HAYLES, 2009).

Nesse particular, merece uma atenção especial à estrutura em rede, intimamente ligada a ideia de hipertexto. A escrita na Internet é uma produção composta por uma série de “nós” que se intercomunicam, possibilitando vários caminhos a serem seguidos pelo leitor/receptor. A intertextualidade é levada às últimas consequências, ocorrendo uma interconexão ampla por meio dos chamados “links” disponibilizados nas páginas dos autores. Desta forma, surge uma construção coletiva em que o texto ganha dimensões novas, a cada acesso ou caminho percorrido pelo leitor até outros textos.

A leitura é realizada com fluidez, não sendo limitada a uma linearidade ou roteiro pré-estabelecido. Tal recurso já era possível em obras publicadas no suporte tradicional do papel, entretanto estas não ofereciam agilidade na passagem de um texto a outro ou na mudança de um suporte a outro. Agora, a rede de computadores trouxe alterações significativas, uma vez que nos apresenta um texto em camadas, multimodal e proteiforme, segundo as especificidades destacadas por Pedro Barbosa:

O circuito comunicacional da literatura encontra-se assim alterado, tanto do lado da criação como do lado da recepção. O acto (sic) de leitura, enfim, pode tornar-se interactivo (sic), envolvendo a participação do leitor na co-criação do texto final mediante um processo simultâneo de escrita-leitura: a escritura [...] De instrumento de criação literária, o computador passa a ter também um papel como instrumento de leitura: a interposição da máquina, como manipulador de sinais e

extensor de complexidades, traduz-se assim necessariamente numa nova atitude do autor e do leitor face à obra computacional. (BARBOSA, 1996, p.2)

Desta forma, para o ciberpoeta contemporâneo, o trabalho cooperativo do leitor com o autor pela linguagem é de fundamental importância, haja vista que:

entre o poeta e a linguagem, o leitor do poema deixa de ser o consumidor para se incluir como latência de uma linguagem possível. [...] Entre a linguagem da poesia e o leitor, o poeta se instaura como o operador de enigmas, fazendo reverter a linguagem do poema a seu eminente domínio: aquele onde o *dizer* produz a reflexividade. Parceiros de um mesmo jogo, poeta e leitor aproximam-se ou afastam-se conforme o grau de absorção da/na linguagem. (BARBOSA, 1986, p. 14)

Efetivamente, nessa proposta, a criação poética pode ser realizada por duas vias não excludentes. Por um lado, o ciberpoeta e/ou *webdesigner* pode experimentar com os conteúdos e formas conhecidas, aplicando algoritmos ou modelos interativos, transpostos das novas mídias da informação e da comunicação (as TIC ou as TDIC); por outro, explorar a possibilidade experimental direta desses multimeios, procurando descobrir suas formas de expressão (PADIN, 2002).

Desta forma, na ciberliteratura, é notável a quebra de fronteiras entre autor, texto e leitor, como também entre um texto e outros textos disponibilizados na Internet (um hipertexto por natureza). A dicotomia tempo-espço também é rompida, pois as obras disponibilizadas são captadas pelo receptor instantaneamente. No enunciado de Amaral (2008, p. 48) sobre esse fenômeno, a autora constata que “o mundo contemporâneo caracteriza-se por transformações aceleradas da noção relacionada ao tempo, ao espaço e à individualidade. Todas elas abrigam a figura do excesso, característico da supermodernidade”. Esse processo de desvinculação dos parâmetros de tempo e espaço, e de fusão de individualidades, tem condicionado o que se define como o fenômeno da “Interterritorialidade”, já bastante discutido por vários autores, inclusive Bauman. É nesse novo “espírito de época”, que Lílian Amaral redefine o papel do artista. Nesse contexto de produção e recepção colaborativa, para a autora, a

[...] ‘interterritorialidade’ operou uma ideia de que o papel do artista é criar uma arte que provoca o processo de pensar, de arte comprometida com a criação de uma linguagem da percepção, que permite a flutuação da informação entre sistemas estranhos um ao outro, eliminando fronteiras para provocar novas associações e analogias. (AMARAL, 2008, p. 55 /aspas da autora/)

Essa postura participativa do artista se percebe muito claramente na obra de Antero de Alda, construída em parceria com o leitor e disseminada (no sentido mesmo de “semeadura”) pela Web. E é desta forma que a ciberliteratura se faz como um componente importante da cibercultura e da modernidade líquida, sendo simultaneamente *input* e *output* das realidades existenciais contemporânea.

4 Oficinas de leitura e escrita criativa: navegando, pensando, escrevendo...

Muito enriquecedora se mostrou nossa experiência de ensino, fruição e produção criativa de literatura por meio do *blog*, enquanto ciberlugar de interação e construção compartilhada de leitura e escrita. Nesse intuito, realizamos diversas oficinas de escrita criativa em escolas das redes pública e privada dos municípios de Anápolis e Pirenópolis. Durante esses encontros de duas horas e meia, com estudantes do ensino fundamental, os “blogueiros” foram confrontados com obras contemporâneas, pensadas para o ambiente digital, a exemplo do *blog* de Antero de Alda (<http://anterodealda.com>) e o Poemário, de Rui Torres (www.telepoesis.net/poemario). Após leituras e reflexões dos textos lidos e fruídos, abriam-se discussões sobre os seguintes aspectos: linguagens

(sonora, visual, verbal, cinética, etc), estruturas (sintática, semântica, espacial, temporal), suporte (mídias convergentes), gêneros textuais (com a noção de hibridismo), mensagem (temática, intencionalidade do emissor, percepção, recepção, etc), impressões, sensações e reações do leitor diante da tela.

Após leitura e discussão, já numa terceira etapa, os estudantes eram convidados a produzirem releituras de textos poéticos clássicos, de notícias de jornais eletrônicos, de poemas digitais, de telas (do expressionismo de Van Gogh ao hiper-realismo Alissa Monks) e anúncios. Os textos foram publicados no *blog* criado para este fim (<http://pensandociberliteratura.blogspot.com>) e, desta forma, passaram a ter circulação social e oportunizaram a troca de experiências entre os autores e leitores. Em outros momentos, procedemos à construção de poesia generativa no *Poemário*, quando os alunos, seguindo as instruções do SINTEXT (REIS, 2006), criavam seus próprios poemas combinatórios, por meio de motores textuais.

Sistematicamente, oportunizou-se a leitura de blogs de autores novos e renomados. Encorajou-se também que os alunos expusessem produções em meio digital que tivessem sido realizadas anteriormente às oficinas. As experiências anteriores dos alunos, enquanto autores e leitores, tornaram-se mais um espaço de enriquecimento da vivência on-line e de valorização da produção já existente. Muitos alunos compartilharam seus blogs pessoais, apresentando seus textos e comentando os dos outros. Para alguns, esta teria sido uma primeira experiência de produção de poesia, uma vez que o texto poético é tão pouco explorado nas aulas ordinárias de literatura na escola. Segundo os próprios alunos testemunharam: “Fazer poesia é muito difícil!” Com essa experiência, todos perceberam que: “Não é porque é difícil, que não é possível! Muitos realizaram ali seu primeiro poema. E gostaram da experiência.

Com efeito, as oficinas obtiveram um resultado positivo quanto à interação dos estudantes com os textos oferecidos. A leitura de poemas em suportes digitais suscitaram questionamentos sociais, filosóficos, literários e estéticos. Perguntas do tipo: “Isso é um poema?” se tornaram frequentes, levando-nos a discussões interessantes sobre a interação de linguagens e a convergência de mídias na composição de gêneros híbridos nas produções hiper-mídia, conforme Pellanda (2003).

Ademais, o contato com a ciberliteratura oportunizou a percepção de que os meios digitais podem ser um ambiente de produção artística e literária de qualidade. Além disso, as falas dos alunos se voltaram para a ideia de que eles também poderiam fazer o mesmo uso que os autores lidos faziam dos recursos disponíveis na Internet. Contatamos também que não houve resistência à escrita e a leitura na tela. Pelo contrário, os alunos demonstraram satisfação por realizarem atividades nos computadores via Internet. No fechamento das oficinas, surgiram alunos que pediram oportunidade para apresentarem seus blogs, perfis em redes sociais e outras produções.

Os momentos de escrita on-line, empregando o blog *Pensando Ciberliteratura* foram muito criativos. Após suas escritas, os estudantes sugeriam trilhas sonoras para seus textos. Era perceptível a satisfação em ver os textos publicados e acessados pelo restante do grupo e por outros integrantes da comunidade escolar. Ser lido foi uma experiência inédita para muitos estudantes. Foi observada também a preferência por textos curtos, a exemplo de contos e crônicas, como também textos informativos extremamente sintéticos.

Desta forma, percebemos que uma educação estética não mecanizada, ou tecnicista, acabou por se realizar durante a fruição dos poemas e das produções dos alunos. Despertou-se o sentimento de autoria em relação ao texto, além de percebê-lo como grande oportunidade de expressão de ideias, sentimentos e sensações. Nos debates finais, os depoimentos demonstravam a seguinte percepção por parte dos alunos: “Somos capazes de produzir textos literários. Há escritores interessantes na época em que vivemos. Na Internet, podem-se encontrar textos e imagens inteligentes também”.

5 Considerações finais

Ao fechar o ciclo de nossas reflexões, é possível inferir que os percursos do leitor, do livro - impresso ou digital - e da leitura foram se configurando em vivências interativas que permitiram aos indivíduos se agregarem, a partir de interesses diversos, e se expressarem simultaneamente, de forma sincrônica e anacrônica, na construção de novas modalidades de texto e de experiências singulares de “escrileitura.”

Como uma componente discursiva a ser ainda desvendada, a materialidade do texto, em versão eletrônica, aponta a construção de novas práticas e posturas frente ao processo interacional leitor-texto, como consequência de todo um acontecimento histórico. O propósito de entender a mediação que, de certa forma, conduz à construção de sentido e que possui, nessa pretensão, o papel de diferentes sujeitos, dentre eles o papel do autor, nos liga a um passado ainda de entendimento acerca de como o leitor se encontra inscrito no texto. Pode-se dizer que esse leitor, pela própria riqueza de múltiplas linguagens oferecidas por meio do suporte digital, não seja determinado, em certo sentido, por faixa etária, mas seja seduzido pela criatividade da construção discursiva.

Constatamos também que o avanço tecnológico é decorrente de transformações sociais, já que a própria complexidade da vida moderna impõe como desafio aos leitores um defrontar-se com inúmeros gêneros textuais, linguagens verbais e não verbais. A rigor, os processos da leitura e da escrita, em suas diferentes materialidades, lançam como desafio um revisitar permanente da relação leitor e texto, numa realidade que cada vez mais se desterritorializa e se torna fluida. A multiplicidade de sentido gerada pela mudança do livro, do impresso ao digital, não é mais decorrente de um “registro” ofertado ao leitor, uma vez que este participa da dinâmica de construção do texto e intervém no cenário que fomenta outros sentidos, tornando público esse texto que se elabora a inúmeras mãos, inclusive desconhecidas. São leitores-autores “anônimos” que, diferentemente dos autores tradicionais, rompem com a delimitação do público e do privado e assumem funções sociais antes prescritas e delimitadas. Entretanto, o desenrolar da relação leitor e texto só foi possibilitada porque uma trajetória histórica de desenvolvimento humano, materializado na linguagem, em seus diferentes formatos, anunciou, como ainda anuncia, novos percursos de participação social, de intervenção na realidade, que exige um olhar cada vez mais cuidadoso para as práticas em que o leitor se constitui sujeito.

Com efeito, entendemos que é papel fundamental do pesquisador da literatura e do professor não somente buscar compreender os aspectos implicados na produção e recepção da ciberliteratura, da leitura do texto eletrônico, como também promover experiências de leitura que possibilitem ao educando novas vivências na apreensão do fenômeno literário, mediado pela interação de linguagens e convergência de mídias, especialmente no caso da poesia, que é nosso objeto estudo.

É assim que se nos impõe um maior tempo de análise, de reflexão sobre as contribuições do ensino de literatura e da prática da leitura e da escrita na formação das novas gerações, a fim de garantir a elas o direito à educação estética, à conscientização de sua autonomia enquanto sujeitos, numa nova perspectiva de individualidade, de conquista da liberdade no ambiente de consumo, e da tentativa de retorno ao sentimento de pertencimento à Humanidade, que é o que nos identifica e diferencia.

6 Referências

- 1] BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. (Orgs). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo, SESC SP, 2008.
- 2] BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

- 3] BARBOSA, Pedro. Aspectos quânticos do cibertexto. *Cibertextualidades*, v.1, Porto, Pt. 2006. ISSN: 1646-4435.
- 4] _____. Media digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. *Cibertextualidades*, v.1, Porto, Pt. 2006. ISSN: 1646-4435.
- 5] _____. *A Ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Cosmos, 1996.
- 6] _____. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador, *Revista da UFP*, n. 2, v. 1, pp. 181-188, maio de 1998. Disponível em: <http://pedrobarbosa.net/artgonline.htm>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- 7] _____. *Ângulos e virtualidades do texto virtual*. 1996. Disponível em: <http://www.pedrobarbosa.net/artgonline.htm> Acesso em: 07 ago. 2013.
- 8] HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. São Paulo: Global. 2009.
- 9] TORRES, R. Poesia em meio digital: algumas considerações. Porto: Edições UFP, 2004.
- 10] _____. Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada. *Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa*, Porto, 2010. Disponível em: <http://poex.net>. Acesso em: 05 ago. 2013.
- 11] MOURÃO, José Augusto. *Textualidade Electrónica: literatura e hiperficção*. Lisboa: Nova Vega, 2009. (Col. Comunicação & Linguagem).
- 12] PADIN, Clemente. *Interação e Poesia Virtual, 2002*. Disponível em: www.palavreiros.org/criticaliterariainter açãopoesiavirtual.html. Acesso em: 17 jul. 2013.
- 13] PELLANDA, Eduardo Campos. *Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento*. Belo Horizonte, INTERCOM, 2003.
- 14] REIS, Pedro. Média digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. *Cibertextualidades*, Porto, Pt, n. 1, p. 43-52, jan/dez. 2006. ISSN: 1646-4435

ⁱ Dêbora Cristina Santos e SILVA, Pós-doutora em Literatura e Hipermedia (Bolsista CAPES).

Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT/UEG). Bolsista PROBIP/UEG. Pesquisadora do Projeto PO-EX 70/80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa (FCT/PTDC/CLE-LLI/098270/2010-2012)/e-mail: deboraphd@gmail.com